

ricos, os pretos e brancos, o norte e o sul do novo mundo.

A sexualidade feminina com sua identidade própria tem a missão de reeducar sexualmente o homem de hoje, que consiste numa nova cosmovisão erótica onde o estar com o outro, querer o bem do outro, desejar que ele seja e seja plenamente, defina o enfoque decisivo da vivência sexual da humanidade. Nem anjo, nem animal; nem puritano, nem libertino; nem tabu, nem permissivismo, o desafio atual está na descoberta do sentido da sexualidade humana.

Ademais, masculino e feminino vêm recordar que ninguém basta a si mesmo. O varão está aberto a uma transcendência que lhe permite o encontro com a mulher e esta com o varão. Ambos buscam o face a face com o grande Outro, Deus. O sexo é uma força de transcendência.

Finalizando o presente trabalho, devo dizer que percebi nos autores consultados um "sentimento oceânico" a respeito da sexualidade feminina, um sentimento que rejeita o falocentrismo dos estudos da sexualidade tradicional e o pouco interesse em relação aos direitos da sexualidade feminina no seu sentido amplo. É preciso denunciar a educação "fabricadora de machos" e a dupla moral. Nestes tempos de revolução sexual, precisamos contribuir com a libertação da mulher, não fazendo o jogo do consumismo erótico, mas descobrindo a sabedoria do Criador do homem e da mulher. Com João Mohana, podemos dizer: "Não tenhamos vergonha de falar, do que Deus não teve vergonha de criar". Nem desprezo, nem culto do corpo, mas "simpatia sexual", na esperança do surgimento do novo homem para uma nova mulher numa nova sociedade.

Bibliografia

- 1) Boff, L., "Masculino e Feminino, o que é?" — Apostila
- 2) Dalto, F., "Sexualidade Feminina", Ed. Martins Fontes, SP, 1984
- 3) Langer, M., "Maternidade e Sexo", Ed. Artes Médicas, P. Alegre, 1981
- 4) Neves, P. S., "Homem, Mulher e Medo", Ed. Vozes, Petrópolis, 1966
- 5) Quintas, F., "Sexo e Marginalidade", Ed. Vozes, Petrópolis, 1986
- 6) Smirgel-Chasseguet, "A Sexualidade Feminina", Ed. Vozes, Petrópolis, 1975
- 7) Suplicy, M., "Condição da Mulher", Ed. Brasiliense, SP, 1985

Endereço do autor: Instituto Teológico de Santa Catarina — Cx. Postal 5041 — 88041 — Florianópolis — SC.

A MULHER NO SIRÁCIDA

Pe. Ney Brasil Pereira
Professor de Exegese

Introdução

Poderia ter intitulado este trabalho "A mulher do Sirácida", menos de acordo com o título das outras pesquisas neste número da nossa revista, mas talvez expressando melhor a nossa curiosidade em saber afinal quem era, essa mulher que certamente contribuiu de alguma forma para as abundantes e contrastantes considerações de Jesus Ben-Sirac sobre o tema.

Terá sido ela uma esposa ideal, como nos daria a entender Sir 26, 1-4, que expressa a bem-aventurança do marido bem casado? Terá sido ela a mãe digna do respeito e veneração de seus filhos, respeito partilhado com o marido, de que trata Sir 3,1-16? Terá sido ela a esposa encantadora, casta e sensata, que desperta os arroubos poéticos de Sir 26, 13-18? Ou, pelo contrário, terá sido ela a megera capaz da maldade e do veneno mais terrível, de que fala Sir 25, 13-15? A "canga-de-boi mal ajustada" de que fala Sir 26,7? A triste sucessora daquela por

quem o pecado começou, e por cuja causa "todos nós morremos", conforme Sir 25,24? Terá, enfim, sido ela tão perversa, a ponto de suscitar o desabafo de Sir 42,14: "É preferível a maldade do homem à bondade da mulher"?

Como vê o leitor, estamos diante de um enigma, que provavelmente não se resolverá pela disjunção ou-ou, mas que nos faz seriamente pensar na situação familiar pessoal do Sirácida. Terá sido ele infeliz em sua vida familiar? Ou é a sua múltipla experiência, atestada tão ricamente no seu livro, o mais volumoso dos Sapienciais, que lhe dá autoridade para tais considerações, não necessariamente refletindo sua situação pessoal?

Acontece que também Coélet (o Eclesiastes), livro sapiencial anterior ao Sirácida, escrito provavelmente no século IV aC, numa passagem difícil (Ecl. 7,26), assim se exprime sobre a mulher:

"Descobri que mais amarga que a morte é a mulher, porque ela se constitui numa cilada e seu coração é uma rede e seus braços, cadeias. Quem agrada a Deus livrar-se-á dela, mas o pecador será por ela colhido."

E no v.28 assim prossegue: "Se entre mil encontrei só um homem, / mulher, entre todas, não encontrei uma sequer" (Ecl. 7,28). Desilusão total? No entanto, sem falar de outra interpretação possível desse texto (1), o próprio Coélet parece retificar ou completar seu pensamento, escrevendo assim:

"Desfruta a vida com a mulher que amas, todos os dias que dure a tua vida fugaz que Ele (Deus) te concedeu debaixo do sol... pois esta é a tua porção na vida e no trabalho com que te afadigas debaixo do sol" (Ecl. 9,9).

Isto é, também no Coélet, embora apenas nessas duas passagens, temos expresso o contraste que acima notamos no Sirácida. Vamos, pois, pesquisar o tema da mulher neste autor, não tanto para conseguir o resultado impossível de recuperar a figura de sua anônima esposa histórica — resultado, aliás, de menor interesse — mas para tentar ver se é possível uma síntese entre afirmações tão negativas ao lado de outras positivas sobre a mulher, e uma síntese que possa ser relevante para a nossa realidade latino-americana, brasileira e catarinense. Começarei por uma breve apresentação do autor e sua obra, um esboço do tema da mulher nos Provérbios, e finalmente a abordagem direta da mulher no Sirácida.

I. O autor e sua obra

O livro do Sirácida, somado a Jó, Provérbios, Coélet, e Sabedoria ("de Salomão"), forma o conjunto dos cinco livros chamados "Sapienciais"; cujo tema maior é a sabedoria e sua busca. Vários títulos lhe couberam, no decurso da história. Conhecido originalmente como "Sabedoria de Ben-Sirac" ou "Provérbios de Ben-Sirac", foi depois, em ambiente cristão, chamado "Eclesiástico", já a partir do III século de nossa era. E isto porque era muito popular na preparação dos catecúmenos e foi também assaz usado na liturgia romana. Infelizmente esse título levou e leva a confundir-lo com o "Eclesiastes", título greco-latino do Coélet. Por isso melhor seria optarmos definitivamente pelos títulos distintos "Sirácida" e "Coélet" com as citações respectivas *Sir* (= Eclo) e *Co* (= Ecl).

O Sirácida foi escrito em hebraico, por volta de 190 a 180 aC, embora já em pleno período da dominação helenista, que chega à Palestina em fins do séc. IV aC. Seu autor é um judeu de Jerusalém (50,27), a pequena capital da pequena Judéia do seu tempo, num período que viu a passagem da dominação dos Lágidas (Ptolomeus) do Egito para os Selêucidas (Antíocos) da Síria. Período aparentemente tranqüilo, porque nenhuma agitação transparece ao longo do livro, a não ser no fervor da súplica fervorosa pela libertação e restauração de Israel em 36,1-17, súplica, aliás, precedida pela profética denúncia dos sacrifícios injustos (34,18-35,10) e pelo também profético anúncio da justiça divina que "não tarda" a agir em favor do seu povo (35,11-24).

O livro, escrito aparentemente sem plano, e talvez resultado

de composições sucessivas do próprio autor, destinado no seu conjunto aos discípulos de um mestre de sabedoria que se dirige aos jovens "de boa família" de Jerusalém, foi traduzido pelo neto do escritor, segundo o depoimento e nas circunstâncias que encontramos no Prólogo da tradução para o grego, documento escrito por volta de 130 aC, uns sessenta anos após a elaboração do texto original.

Durante o séc. I aC o texto original, que se convencionou chamar de Hebr I, sofreu modificações e acréscimos, talvez no ambiente de Qumrã, originando o texto Hebr II. Este, por sua vez, é traduzido para o grego já na era cristã, pelo final do séc. I dC, dando origem ao texto Gr II (enquanto o fruto da tradução do neto do autor é o texto Gr I). Finalmente, pelo final do séc. II dC, um cristão da África do Norte traduziu em latim o texto Gr II com ainda outros acréscimos. E é esse texto latino que entrou na Vulgata e que foi reconhecido como canônico no Concílio de Trento⁽²⁾.

Acontece que, depois das descobertas da Guenizá do Cairo, em 1896, e após Qumrã e Massadá, temos hoje, recuperados, mais de dois terços do texto hebraico original, ele certamente inspirado, com tanto ou mais direito que as suas antigas e canônicas traduções. Devemos, pois, na prática, reconhecer a canonicidade e a inspiração de ambos os estados do texto, o curto (Gr I, dependente de Hebr I) e o mais longo. Neste trabalho seguirei a versão brasileira que se encontra na Bíblia Vozes ed. 1982⁽³⁾.

Ainda sobre o livro do Sirácida. Pode-se dividi-lo comodamente em duas partes desiguais: a primeira, do c. 1,1 a 42, 14, abordando os mais diversos temas sapienciais; e a segunda, de 42,15 a 50,21, expressando o louvor da Sabedoria de Deus que se revela na natureza e na história de Israel. Após alguns versículos de conclusão (50, 22-29), temos o apêndice do c. 51. A primeira parte costuma ser subdividida em duas, delimitadas pelo famoso c. 24, que é a auto-apresentação da Sabedoria e sua identificação com a Lei.

O Sirácida, bem mais que Provérbios, apresenta-se como a síntese da sabedoria e da tradição de Israel, síntese que ele convictamente contrapõe às propostas sempre mais sedutoras, no seu tempo, do helenismo.

O Sirácida, bem mais que Provérbios, apresenta-se como a síntese da sabedoria e da tradição de Israel, síntese que ele convictamente contrapõe às propostas sempre mais sedutoras, no seu tempo, do helenismo. Ele consegue combinar consistentemente duas tradições: a tradição mosaica de história-da-salvação, com sua teologia da Aliança, e a tradição internacional de sabedoria do antigo Oriente próximo, com sua teologia da Criação⁽⁴⁾. O Sirácida também não esconde sua apreciação pelo culto e pelo sacerdócio, vendo neles um fator importante para a sustentação da identidade do judaísmo. Ele conhece profundamente os livros da Lei e dos Profetas, nos quais se inspira para o seu belo elogio dos antepassados (cc. 44-49). Quanto à retribuição na outra vida, ele ainda a desconhece, ao passo que já seu neto, e os glosadores posteriores, procuraram completar-lhe esta lacuna.

De resto, e aqui encaminhamo-nos para o nosso tema, suas observações sobre a mulher e as filhas são, diríamos nós, bastante machistas. Sirva de exemplo o fato de que, na galeria dos heróis de Israel (cc. 44-49), não lhe ocorreu mencionar uma heroína, uma mulher sequer, a não ser aquelas, malsinadas, em cujos laços enredou-se Salomão (47, 19) . . .

II. A mulher nos Provérbios

É sabido que o atual livro dos Provérbios apresenta duas

partes distintas: os cc. 1-9, que são uma espécie de grande prólogo ao restante do livro, e os Provérbios como tais, que estão compilados nas duas coleções "de Salomão" (cc. 10-22 e 25-29), cada uma com seus apêndices. Além disso temos o belo epílogo (31, 10-31) sobre a "mulher ideal", certamente figura-símbolo da Sabedoria⁽⁵⁾.

Nas duas coleções mais antigas, temos pouca coisa sobre o nosso tema. Um pensamento sobre a mulher "lamuriosa" e "briguenta" retorna por três vezes: Pr 21,9.19 e 25,24. Em Pr 27,15 compara-se pitorescamente a mulher briguenta à "goteira pingando sem parar em dia de chuva" . . . Em Pr 22,14 adverte-se contra a "cova profunda" da boca da mulher "estrangeira" (ou estranha, alheia?). No c. 30, entre outros enigmas numéricos, encontramos a referência ao mistério do "caminho" do homem, do varão, frente à moça (Pr 30,18s). Denuncia-se também a desfaçatez da adúltera em Pr 30,20: "Ela come, limpa a boca e diz: Não fiz nada de mal!"

Ao contrário dessas poucas e rápidas referências nos cc. mais antigos, a primeira parte dos Provérbios (cc. 1-9) é pródiga em seu tratamento da mulher. Mas o enfoque é negativo, concentrando-se nas advertências contra a mulher "estrangeira" e contra a adúltera e a prostituta. Por exemplo, em Pr 2,16-19 se expressa a esperança de que a prudência ajude o discípulo a livrar-se da "mulher estrangeira", da "desconhecida que enleia com suas palavras" . . . Também no c. 5 se redobram as advertências contra a "mulher perversa", a "estrangeira" cujos lábios destilam mel (5,3) . . . e que não deve fazer esquecer a esposa, "água da tua cisterna", "cerva querida e gazela formosa" (5,15.19). Idênticas advertências contra o adultério encontramos no c. 6,24-35, advertências coroadas pelo extraordinário c. 7, no qual se faz uma perspicaz descrição da maneira como a prostituta atrai um incauto. Entretanto, o c. 8 retoma e amplifica a personificação da Sabedoria já iniciada no c. 2 e completada pelo convite ao seu banquete em Pr 9,1-6, convite contrastado pelo banquete da "senhora Loucura" em 9,13-18.

Isto é, há um visível contraste, em Pr 1-9, entre a mulher "estrangeira", alheia, prostituta, e a esposa fiel, ideal, que é a Sabedoria (cf 3,13-18). O autor desse prólogo dos "Provérbios de Salomão", talvez o mesmo que o do epílogo (31,10-31), recorre belamente à experiência matrimonial para expressar a sua convicção profunda: por mais atraentes que sejam outras "sabedorias" que não a de Javé, o Deus de Israel, elas não passam de ardilosas meretrizes que só levam à morte (Pr 7,26).

III. A mulher no Sirácida

Agora, após essa referência necessária ao livro dos Provérbios, podemos retornar ao Sirácida e pesquisar nele o nosso tema. Fá-lo-emos abordando, 1º, os textos positivos sobre a mulher; 2º, as advertências e precauções; 3º, os textos negativos, seguindo-se a conclusão.

3.1. **Elogios.** Note-se, antes de tudo, que é um homem que escreve, e escreve do ponto de vista do homem, do varão. Ele, p. ex., jamais se dá ao trabalho de descrever o bom marido, ou como o marido deveria ser, do ponto de vista da mulher. Assim, a sua primeira observação sobre a mulher, em 7,19, já é típica: "Não desprezes a mulher sábia e boa, / pois sua graça vale mais do que o ouro". Também em 7,26: "Tens uma mulher segundo o teu coração? Não a repudies. / Contudo, se deixaste de amá-la, não confies nela. . . ." E em 9,1: "Não tenhas ciúme da mulher que repousa em teu seio. . . / para que ela não venha a portar-se perversamente contra ti. . ." isto é, três observações tipicamente interesseiras.

Mas há o louvor rasgado da boa esposa, expresso na bem-aventurança do marido, p.ex. em 25, 8a.: "Feliz de quem convive com uma esposa sensata. . ."; também 26,1-4:

"Feliz do marido que tem uma boa esposa:
o número de seus dias será duplicado.

A mulher virtuosa é a alegria do marido,
que passará em paz os anos de sua vida.

A boa esposa é uma herança excelente, reservada aos que temem o Senhor. Rico ou pobre, seu marido tem a alegria no coração e em qualquer circunstância mostra o rosto prazenteiro.

O louvor da esposa é expresso ainda mais entusiasticamente na bela passagem de 26, 13-18, que termina fazendo comparações, típicas do Sirácida⁽⁶⁾, com o sol nas montanhas de Sião e com o candelabro e as colunas do Templo:

"A graça da mulher é a delícia do marido e seu senso prático lhe revigora os ossos. Mulher amiga do silêncio é dom do Senhor e nada é comparável à alma bem educada. Mulher pudica é graça primorosa, e não há medida que determine o valor da alma casta.

Como o sol que se levanta nas alturas do Senhor, assim o encanto da boa esposa na casa bem adornada. Como luz que brilha no candelabro sagrado, assim é a beleza das feições num corpo sólido. Como colunas de ouro em bases de prata, assim também pernas graciosas sobre calcanhares firmes".

Que qualidades aí destaca o Sirácida? Talvez surpreendentemente, não lhe escapam as qualidades físicas, descendo inclusive a detalhes como "pernas graciosas". Mas seu maior apreço parece estar na "graça", no "senso prático", no "silêncio", na "boa educação" e na "castidade" da esposa.

Mas temos ainda a escala de valores em 40, 19, onde a "mulher irreprensível" é colocada acima de "ter filhos e fundar uma cidade"; e também em 40, 23, onde "a mulher com o marido" vale mais do que amigos e companheiros.

Finalmente, em 36, 26-31, o Sirácida aborda o tema da escolha da esposa, sempre do ponto de vista do homem, mas exaltando a sua insubstituibilidade. Assim, após começar dizendo que a mulher "aceita qualquer um", feita objeto de escolhas nas quais ela parece não ter participação, o sábio insiste em que o homem só se realiza na união estável com a mulher, especialmente quando esta é bela, carinhosa e bem educada. Sem a mulher, a vida do homem é como a de Caim, errante e "sem ninho". A família é, para o Sirácida, o bem mais valioso do homem, a condição necessária à sua felicidade. Vejamos o texto:

"A mulher aceita qualquer marido, mas uma jovem é melhor do que outra.

A beleza da mulher alegra o rosto e ultrapassa todos os desejos do homem. Se em sua língua há bondade e doçura, seu marido não está entre o comum dos filhos de Adão.

Quem obtém uma esposa tem o começo da fortuna: um auxílio igual a si mesmo (cf. Gn 2, 18) e uma coluna de apoio.

Onde não há cerca, a propriedade está exposta ao assalto;

onde não há mulher, o homem vagueia e sofre. Quem confia no assaltante ousado que corre de cidade em cidade?

Assim é o homem que não tem ninho e se abriga onde a noite o surpreende." (36, 26-31)

Pelo que se vê, o ideal de vida para o Sirácida não é o homem só, mas o homem na e com a família. Mais que o homem que faz a história — profeta, rei, sacerdote — é o homem chefe de família⁽⁷⁾. Desapareceu o palácio do príncipe e não aparece também o Templo (que vem só no final da obra). O homem vive em sua casa: com a esposa, os filhos, os servos, os amigos. É a secularização ou, antes, a interiorização da religião? É no dia-a-dia, na família, com a esposa, que o Sirácida vive a sua obediência à Lei, a sua fidelidade à Aliança.

3.2. Advertências São várias, as que o Sirácida distribuiu ao longo de sua obra, pondo seus leitores-discípulos em guarda

quanto à mulher. Começamos pela advertência sobre *as filhas*. Em 7, 24: "Tens filhas? Vela por seu corpo / e não lhes mostres um rosto muito jovial." E, logo no versículo seguinte: "Casa tua filha e terá concluído uma grande tarefa: / mas entrega-a a um homem sensato" (7, 25). Novamente, o pátrio poder indiscutido, e a filha "entregue" a um marido. . . Em 26, 10: "Reforça a vigilância sobre a filha usada, / para que não descubra a tua fraqueza e dela se aproveite"

Em 42, 9-11 ele volta a comentar a preocupação com as filhas:

"Uma filha é para o pai uma preocupação secreta, e a inquietação por ela tira o sono: na sua juventude, para que não passe da idade; depois de casada, para não ser repudiada; na sua virgindade, para não ser seduzida e ficar grávida na casa paterna; estando com o marido, para que não incorra em falta; coabitando com ele, para que não fique estéril. Em relação à filha indócil, redobra a vigilância: para que não faça de ti a irrisão dos inimigos, o comentário da cidade, o alvo de ajuntamento do povo e te cubra de vergonha diante da multidão" (42, 9-11).

Outra série de advertências, muito severas, contra as *prostitutas e libertinas*, temos em 9, 3-9:

"Não vás ao encontro da mulher licenciosa, para não caíres nunca em suas redes. Não te demores com a tocadora de lira, para não seres apanhado em seus artifícios. Não detenhas os olhos em uma donzela (cf. Jô 31, 1), para que não sejas envolvido em sua condenação. Não entregues às prostitutas o teu coração, para que não venhas a perder o teu patrimônio. Não vagueies o olhar pelas ruas da cidade nem perambules pelos seus recantos solitários. Desvia da mulher bela o teu olhar (cf. Mt 5, 28) e não fites a beleza que não te pertence. Pela beleza de uma mulher se transviaram muitos: o amor que daí vem se inflama como fogo (cf. Ct 8, 6b).

Jamais te sentes à mesa com mulher casada nem bebas vinho com ela em festins, para que não se incline para ela teu coração e não venhas a cair, por tua paixão, na desgraça" (9, 3-9)⁽⁸⁾.

Aqui uma observação. Os conselhos do Sirácida são práticos, concretos, sem a interpretação alegórica que passagens semelhantes têm em Pr 1-9 (cf. supra). Aliás, a única referência explícita à Sabedoria como mulher encontramos, no Sirácida, só em 15, 2: "Ela (a Sabedoria) virá ao Seu encontro (daquele que teme ao Senhor e se apegar à Lei) como mãe, / e como uma esposa virgem o acolherá."

Mas por que a severidade dessas advertências? É porque o Sirácida, já o vimos, preza extremamente o ideal da família. Ele não divide a maneira helenista de aceitar a concubina ao lado da esposa, e muito menos o amor livre. Para o Sirácida, a mulher é somente a esposa. Fora desta relação, a mulher não tem dignidade, não representa um valor positivo. Ou ela é a esposa, a auxiliar íntima do homem, ou pelo contrário, é a sedutora que o arruína⁽⁹⁾.

Para o Sirácida, a mulher é somente a esposa. Fora desta relação, a mulher não tem dignidade, não representa um valor positivo. Ou ela é a esposa, a auxiliar íntima do homem, ou pelo contrário, é a sedutora que o arruína.

Outra advertência encontramos em 19,2: "O vinho e as mulheres desnor-teiam os homens sensatos, / e quem se ajunta a prostitutas é ainda mais temerário". Na mesma linha, fala ao discípulo Sir 41,20b.21c.22a:

"Envergonha-te. . . de dirigir olhares à prostituta;
. . . de seguir com os olhos a mulher de um outro;
. . . de ter familiaridade com a tua serva. . ."

Enfim, extremamente duras são as advertências conclusivas da primeira parte do livro, imediatamente antes de o Sirácida dar início ao seu louvor da Sabedoria de Deus na criação e na história. Assim escreve ele:

"Não fixes teu olhar na beleza de quem quer que seja,
nem te sentes no meio das mulheres.
Porque, assim como das vestes é que sai a traça,
assim é da mulher que procede a malícia feminina.
É preferível a maldade do homem à bondade da mulher,
pois a mulher cobre de vergonha e expõe ao insulto."
(42,12-14)

Estas palavras⁽¹⁰⁾, especialmente o paradoxo do penúltimo hemistíquio ("É preferível a maldade do homem à bondade da mulher!") só têm sentido no seu contexto mais amplo, e levando em conta aquilo que já dissemos acima: a mulher que "cobre de vergonha" e cuja "bondade" é pior que a maldade do varão, evidentemente não é toda mulher, a mulher em si mesma, a esposa, da qual o Sirácida diz coisas tão belas, mas é a não-esposa, a libertina e prostituta, que ele decididamente execra.

Cioso da sua independência e autoridade patriarcal, o Sirácida ainda aconselha: "Não te entregues a uma mulher, para que ela não venha a dominar sobre a tua força" (9,2). "Com mulher curiosa é bom usar o sinete; / e onde há muitas mãos, usa a chave. . ." (42,6). "Ao filho, à mulher, ao irmão, ao amigo, / não dês poder sobre ti, enquanto estás vivo. . ." (33,20) "Não dês saída à água; nem, à mulher má, a liberdade de falar. / Se não andar conforme os teus acenos, corta-a de tua carne" (divórcio, previsto no Dt 24,1 mas reprovado por Jesus: Mt 5,31s). Evidentemente, aqui, a autoridade virou autoritarismo, superado no Evangelho.

3.3. Caricatura e condenação. Há um terceiro tipo de textos do Sirácida sobre a mulher, e agora não mais sobre a mulher em si, mas sobre aquela que, libertina ou prostituta ou insensata ou malvada, só merece abominação. Assim, para começar, a condenação severa da *adúltera*, que o Sirácida vitupera depois de condenar igualmente o adúltero:

"O mesmo (castigo) sobreviverá à mulher que abandona o marido e lhe dá um herdeiro nascido de um estranho.

Primeiro, porque desobedeceu à Lei do Altíssimo;
segundo, porque é culpada diante do marido;
terceiro, porque prostituiu-se no adultério e concebeu filhos de um estranho.

Será pois, conduzida à assembléia
e ali será interrogada sobre os filhos.
Seus filhos não criarão raízes e seus ramos não darão fruto.

Sua memória ficará votada à maldição
e sua infâmia jamais se apagará." (23,22-26)

Em 26,11-12, após a advertência quanto aos olhos, vem uma grotesca caricatura da mulher licenciosa que desavergonhadamente se oferece a qualquer um:

"Guarda-te de seguir um olhar imprudente,
e não te admires se ela cair em falta contigo.
Pois, como um viajante sedento, ela abre a boca
e bebe de qualquer fonte que encontre,
como também se deita frente a qualquer estaca
e diante da flecha escancara a aljava. . ."

Mais realismo, difícil. Em outra passagem, no mesmo c. 26

(v. 6-9), o Sirácida descreve e condena vários tipos detestáveis de mulher:

"Grande dor e aflição é a mulher ciumenta de outra,
pois o flagelo de sua língua atingirá igualmente a todos.

Esposa má é canga-de-boi mal ajustada:
querer dominá-la é como tentar pegar um escorpião.
Mulher embriagada provoca indignação
e não pode disfarçar sua desonra.

A lascívia da mulher transparece na ousadia dos olhos
e se reconhece pelas pálpebras. . ." (26,6-9)

Consideremos agora um texto que, de tão insistentemente negativo, surpreende pelo amargor e a frustração subjacente. É a perícope do c. 25, 13.15-24, que integra a mais longa reflexão do Sirácida sobre a mulher, de 25,13 até 26,18(27):

"Qualquer ferida, menos a do coração;
qualquer maldade, menos a da mulher.

.....
Não há veneno pior que o da serpente,
nem ira pior que a ira da mulher.
Preferiria morar com um leão ou dragão,
a morar com mulher perversa.
A maldade da mulher altera suas feições
e torna-lhe o rosto sombrio, como o de um urso.
Seu marido vai sentar-se entre os vizinhos
e, constringido, suspira amargamente.
Toda maldade é pequena frente à maldade da mulher:

que a sorte do pecador recaia sobre ela!
Como a duna de areia para os pés do ancião,
assim é a mulher faladeira para um marido pacífico.
Não te deixes seduzir pela beleza da mulher;
por uma mulher não ardas de paixão.
Há irritação, desprezo e grande vergonha,
quando a mulher sustenta o seu marido.
Coração humilhado, rosto sombrio, ferida no coração:
eis a obra da mulher má.

Mãos inertes, joelhos vacilantes:
eis a obra da mulher que não faz o marido feliz.
Foi pela mulher que o pecado começou,
e é por causa dela que todos morremos."
(25,13.15-24)

O quadro é certamente sombrio. Mas volto a insistir, antes de outros comentários, no fato de que o Sirácida não é misógino por princípio, uma vez que ele também escreve coisas tão positivas sobre a mulher como as que vimos acima, em 3.1. Além disso, não fizemos um levantamento de todas as denúncias que ele também faz das falhas e pecados dos varões, como p. ex. o que ele diz dos adúlteros e depravados em 25,16-21, antes de traçar o seu quadro da adúltera nos vv. seguintes, 22-26.

O ponto de vista com que ele escreve é o do varão, do marido, numa perspectiva, diríamos, machista ou, pelo menos, patriarcalista.

Por outro lado, é também certo que o ponto de vista com que ele escreve é o do varão, do marido, numa perspectiva, diríamos, machista ou, pelo menos, patriarcalista. Assim, p. ex., a afirmação inicial da perícope acima, 25,13, poderia muito bem ter sido redigida, se o autor fosse mulher, deste modo: "qualquer ferida, menos a do coração; qualquer maldade, menos a do homem", não? Da mesma forma, praticamente todas as afirmações seguintes poderiam também ter a sua redação feminista. Ou, como dizem hoje os americanos, poderiam ser redigidas numa "inclusive language", isto é, numa linguagem que incluía e explicita o aspecto também feminino (ou também masculino) da reali-

dade, toda vez que haja predomínio unilateral de um aspecto, normalmente o patriarcal masculino⁽¹¹⁾.

De certo modo confirmando o que estou dizendo, veja-se o que significa a mais radical condenação da mulher pelo Sirácida, em 25,24: "Foi pela mulher que o pecado começou; / e é por sua causa que todos nós morremos." Quem não reconhece aí o eco da escapatória de Adão, segundo o Javista, em Gn 3,12: "A mulher que me deste por companheira, foi ela que me fez provar do fruto da árvore, e eu comi?" Isto é, nesta frase, fora do contexto, a mulher é apresentada como a principal culpada, sem que se mencione a culpa pelo menos idêntica, do homem. O próprio São Paulo, que na 2 Cor 11,3 e principalmente na 1 Tm 2,14 (ou Paulo, ou um epígono que, na 1Tm escreve em seu nome) assume a mesma posição negativa que o Sirácida quanto à culpabilidade da mulher, já na 1Cor 15,21s e na carta aos Romanos 5,12 afirma, num contexto mais universal e menos machista, que "o pecado entrou no mundo *por um só homem* e, pelo pecado, a morte!" Isto é, exatamente aquilo que o Sirácida diz da mulher, São Paulo o diz do homem, do varão, e daí tira todas as conseqüências.

Poucas observações ainda sobre alguns versículos desta perícope que estamos considerando (25,13.15-24). Chama a atenção a insistência com que o Sirácida comenta e deplora a "maldade" da mulher, nos vv. 13, 17 e 19, no último dos quais afirma que "toda maldade é pequena, comparada à maldade da mulher... preparando assim o paradoxo de 42,14, já visto acima, segundo o qual "é preferível a maldade do homem à bondade da mulher!" Em 25,20 volta a caricatura da mulher "faladeira" (Cf. 26,27 e 28,15), comparada pitorescamente a uma "ladeira arenosa" ou "duna de areia para os pés de um velho". Em 25,22 fala da "vergonha, desprezo e irritação" que se encontra no fato de "a mulher sustentar o seu marido", enquanto o famoso poema de Pr 31,10-31, sobre a "perfeita dona-de-casa", exalta precisamente a operosidade da mulher, que sustenta a sua casa! Veja-se aí o que faz a perspectiva diferente: a do Sirácida, patriarcal, contesta a operosidade da mulher que poderia pôr em risco a supremacia do marido, enquanto a de Provérbios, em outro contexto, a louva! Uma última observação: novamente por causa de perspectivas diferentes, o Sirácida adverte, em 25,21, contra o "deixar-se seduzir pela beleza da mulher"... enquanto em outras passagens ele justamente exalta a formosura e a graça da esposa, cf 26,13.16-18 e 36,27.

Conclusão

Não sei se o leitor, a esta altura, terá reunido elementos para deduzir quem terá sido a esposa histórica, "a mulher do Sirácida" que deve ter inspirado o sábio nesse amplo material que ele escreveu sobre a mulher. Inclino-me a ficar com a primeira hipótese, a de que a sua deve ter sido uma "boa esposa", que é "herança excelente, reservada aos que temem o Senhor" (26,3), com todas as qualidades que vimos acima, nos textos reunidos em 3.1.

Essa negatividade não é absoluta: não se refere a toda mulher, à mulher em si, mas àquela que não corresponde à sua vocação de esposa e mãe e sustentáculo do varão.

De onde vem, então, a dureza e a negatividade dos textos contra a mulher (Cf. acima, em 3.3.), que parecem marcados de misoginia injusta e incurável? Já vimos que essa negatividade não é absoluta: não se refere a toda mulher, à mulher em si, mas àquela que não corresponde à sua vocação de esposa e mãe e sustentáculo do varão, isto é, àquela que descamba em libertina, adúltera, prostituta. Mesmo os textos positivos são marcados por uma concepção ambígua de mulher: por um lado, aquela que

é "como o sol que se levanta nas alturas do Senhor", "como luz que brilha no candelabro sagrado" (26,16-17), e por outro é a mulher submissa ao marido, a mulher restrita ao âmbito do lar, a mulher mais objeto que sujeito da história...

E aí, onde fica a Inspiração? Não deveria a Bíblia, portanto também o Sirácida (e Coélet e Provérbios) apresentar para nós só a justa concepção da mulher, válida também para os nossos tempos? — A resposta me parece dever estar num conceito mais encarnacional, menos monofisita e, também menos estático, da Inspiração. Explico-me. "Monofisita" seria o conceito de Inspiração que fizesse da Bíblia um livro só divino, só "palavra de Deus", esquecendo-se de que essa Palavra encarnou-se na linguagem humana com todas as suas limitações, menos a falsidade, assim como encarnou-se em Jesus de Nazaré com as suas limitações humanas, menos o pecado (Cf. Hb 4,15). Aliás, o Vaticano II na "Dei Verbum", depois de reafirmar a inerrância da Escritura naquilo que Deus quis que "em vista de nossa salvação" fosse escrito (DV n. 11), reconhece também as "coisas imperfeitas e transitórias" que contêm os livros do AT (DV n. 15)⁽¹²⁾.

O conceito da mulher, no Sirácida, não é, portanto, absoluto. À luz de outras passagens da Bíblia, a começar da perspectiva mais igualitária do Sacerdotal que a do Javista (Gn 1 e 2-3), até o princípio revolucionário de Paulo em Gl 3,28 — "Não há mais... homem nem mulher, pois todos vós sois um, no Cristo Jesus"⁽¹³⁾ — passando pela realização esplêndida do feminino que encontramos em Maria, especialmente em Lucas 1-2, esse conceito relativo e ambíguo pode e deveser retificado, mesmo questionado. Em todo caso não deve ser lido com miopia, quem sabe até manipulado — como o foi ao longo da história — para justificar posições machistas, hoje cada vez mais em vias de superação, na sociedade e na Igreja.

Creio que a relevância de uma correta leitura do Sirácida hoje, na América Latina e, concretamente, aqui em Santa Catarina, está justamente na percepção dos seus limites, ao mesmo tempo que no reconhecimento de suas qualidades. Os valores que ele exalta e os desvalores que abomina não são tudo, embora encerrerm verdades perenes. Seu ponto de vista, acentuadamente do homem, deve ser completado pelo ponto de vista da mulher. Só assim chegaremos àquela visão justa da realidade humana que não é a mulher absorvida pelo homem nem o homem pela mulher, mas sim ambos, homem e mulher, construindo o mundo.

NOTAS

- 1) Cf. a tradução e interpretação de toda a passagem de Ecl 7,23-29 na Bíblia Vozes, 1982, da autoria de L. J. I. Stadelmann.
- 2) Cf. Gilbert, M. "L'Écclésiastique: quel texte? quelle auctorité?" art. in Revue Biblique 94 (1987), 233-250.
- 3) Texto grego traduzido por Ney Brasil Pereira e Lincoln Ramos, tomando por base a edição crítica de Ziegler, J., Göttingen 1980, a qual incorpora em grifo os acréscimos de Gr II.
- 4) Cf. Mackenzie, R. A. F., "Sirach", Wilmington, Delaware, 1983, p. 15.
- 5) Cf. meu breve estudo deste texto em "Estudos Bíblicos" 11, Vozes 1986, p. 87-88.
- 6) Cf. 24,13-17, sobre a Sabedoria; 24,25-29, sobre a Lei; 50,6-10, sobre o sumo sacerdote, no Santuário.
- 7) Cf. Barsotti, D., "Meditazione sul libro del Siracide", Queriniana, Brescia, 1984, p. 173-174.
- 8) Cf. também, na mesma linha, o texto de 26,19-27 (do Cr II, alongado).
- 9) Cf. Barsotti, D., op. cit., p. 165.
- 10) A tradução dos vv. 12 e 14 não é muito segura, porque o texto está mal transmitido. Por exemplo, o v. 12 poderia traduzir-se: "Que ela (a tua filha, da qual se trata nos vv. 9.11) não ostente a sua beleza diante dos varões, e não frequente a companhia das mulheres". Então seguem logicamente os vv. 13 e 14, sendo que o último hemistíquio seria assim: "porque a mulher despu-dorada cobre de opróbrio."

- 11) Ver, neste número, o *Documento "tradução antipatriarcal da Bíblia"*, traduzido da Revista Bíblica Argentina 1987/1, p. 53-55.
- 12) Por que não acrescentar que, apesar da sua proeminência em relação aos do AT (Cf. DV n. 17), também os livros do NT contêm coisas "imperfeitas e transitórias" a nível da expressão humana da fé, mesmo que essa expressão seja "canônica", isto é, reconhecida como inspirada?
- 13) Princípio revolucionário ou, melhor dizendo, restaurador, porque restabelece, no Cristo, a unidade "do princípio", apresentada em Gn 1,26-28.

Endereço do Autor:
Instituto Teológico de Santa Catarina
Caixa postal 5041
88041 — Florianópolis — SC

A MULHER NA ERA PÓS-APOSTÓLICA

Breves reflexões a partir da 1ª Clem aos Coríntios

Marta R. Sarasola de Ramada y Galán
 Professora de Exegese
Daniel Ramada y Galán
 Professor de Hist. da Igreja

Apenas começamos a refletir sobre a situação e a valorização da mulher na igreja pós-apostólica, surge uma pergunta prévia, anterior a todo discurso ou pesquisa que possamos desenvolver, a saber: que utilidade pode ter para nós, pessoas do século XX, saber o que pensavam aqueles homens da idade pós-apostólica sobre o papel e a função da mulher na Igreja e no mundo que lhes era contemporâneo? Em outras palavras: num mundo complexo e diversificado como o de hoje, tem sentido — fora do que poderia ser o âmbito da mera curiosidade ou interesse de erudição — buscar luz para nossa tarefa atual numa antiguidade remota cujos modelos de civilização parecem definitivamente deixados para trás? É uma pergunta importante, e não devemos escapar dela só por ser complexa e difícil de responder. Convém, pois, passar em revista as principais objeções que honestamente todo leitor tem o direito de formular. Vejamo-las.

a. O mundo semítico e o mundo greco-romano não têm nada a ver com o nosso mundo, da civilização chamada ocidental. Pois o nosso é um mundo secularizado, tecnológico, e em busca de espaços cada vez maiores de liberdade, de igualdade e de justiça. Assim, a mulher de hoje pode beneficiar-se muito pouco com as opiniões ou juízos que suas homônimas mereceram num ambiente radicalmente diferente, tanto mais quanto a situação delas era muito menos proveitosa, precisamente pela diversa valorização que ambos esses universos fazem da condição feminina.

b. A doutrina dos Padres Apostólicos, por venerável que possa ser, não é normativa, isto é, não encerra valor semelhante ao da revelação que, paradoxalmente, ao menos em seu último estágio, coincide cronologicamente com a época em que se situa nosso autor. Pode então objetar-se, com legítimo direito, que as apreciações, teologias ou práticas dos Padres Apostólicos já não são relevantes frente à busca de uma Igreja que se defronta com novos tempos.

c. Por último, aqueles que tenham conhecimento, mesmo se sumário, dos Padres Apostólicos, concordarão que, nos textos que chegaram até nós, pouco se fala da condição feminina ou das mulheres que historicamente conviveram com eles. Em sua problemática — heterogênea e desigual — o problema do papel da mulher na Igreja não está quase nunca explicitamente colocado. Talvez, precisamente, porque não parece ter constituído um "problema".

Contrariamente ao que geralmente se faz, ou parece que deveria fazer-se, não vamos responder agora a essas interrogações ou dúvidas. Deixá-las-emos em suspenso, para tratar de resolvê-las no final de nossa breve pesquisa.

Se, apesar destas observações, o leitor mesmo assim tiver coragem de acompanhar nossas reflexões, poderá aproximar-se agora do universo de um "Padre" de cuja obra se pode extrair certas informações sobre o assunto que nos ocupa: Clemente Romano.

Clemente Romano e sua "Carta aos Coríntios"⁽¹⁾

Nos últimos anos do século I (95-98), um personagem que parece gozar de grande autoridade moral escreve em nome da "assembléia que vive como estrangeira em Roma" à "assembléia que vive como estrangeira em Corinto", para tentar pôr fim a uma questão relacionada com o exercício da autoridade ministerial. Embora a finalidade do escrito seja bem precisa — e totalmente alheia ao nosso tema — o autor se preocupa em fundamentar amplamente seus argumentos, aludindo constantemente a situações e doutrinas familiares ao seu auditório. Graças à referida loquacidade, o nosso texto permite vislumbrar alguma coisa sobre a situação das mulheres nesse ambiente.

A situação da comunidade de Corinto era tensa e polarizada por rivalidades pessoais (Cf. 1,1). O autor, para fundamentar sua exortação, recorda aos destinatários que, pouco tempo atrás, eles viviam em paz e harmonia. E um dos exemplos que apresenta é este:

"... recomendáveis a vossas mulheres que cumprissem todos os seus deveres com uma consciência irrepreensível, digna e pura, amando a seus maridos como é devido. Elas guardavam a regra da submissão e vós lhes ensináveis a conduzir sua casa dignamente e a observar em todo momento a discrição." (1,3)

Mais adiante, em 21, 6-7 encontramos:

"... dirijamos nossas mulheres pelo reto caminho do bem. Que elas manifestem o amável costume de sua castidade e dêem prova de uma sincera vontade de mansidão, e tornem patente com o seu silêncio a moderação de sua língua. Que não pratiquem a caridade (apenas) parcialmente mas na santidade, (isto é) com equidade em relação a todos os que temem a Deus".

Destes dois textos pode-se tirar muita coisa.

a. A "regra de submissão"

Em primeiro lugar, a recomendação romana parece indicar que a "regra de submissão" das mulheres a seus maridos, pregada por Paulo (Cf. Tt 2,16; 1Tm 2,9; 3,11), já começava a ser doutrina recebida, ao menos no ambiente clementino, e era prática corrente em Corinto. Com efeito, quando o autor contrapõe àquela conduta anterior dos coríntios a indisciplina atual, menciona todas as situações já analisadas — débeis contra valorosos, obscuros contra ilustres, insensatos contra sensatos, jovens contra anciãos — porém nada diz de mulheres contra maridos. Parece, portanto, dado o paralelismo, um silêncio eloquente: apesar do conflito, as mulheres casadas não se haviam rebelado contra seus maridos, ao menos as que haviam permanecido em casa. Entretanto, a estabilidade matrimonial não está infalivelmente garantida em Corinto porque Clemente, criticando a inveja e os ciúmes, anota em 6,3 que, por causa desses sentimentos, "afastaram-se as casadas de seus maridos, contradizendo... a palavra de Adão..." Resumindo, na circunstância particular não há insubordinação feminina, porém o fenômeno do abandono do lar por iniciativa da esposa também existe.

b. A mulher em casa

O lugar convencional da mulher é o de dona de casa, traço comum à cultura tanto semítica quanto greco-romana. Nenhuma novidade a anotar, pois, nesse campo.

c. Discrição e silêncio

Mais interessantes são as frases relativas à discrição, ao silêncio e à moderação da língua. As mulheres dos coríntios observavam